

rei contribuir com a experiência que retirei dos ensaios e erros do passado.

O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo «coisas teóricas» muito importantes a respeito de objectos ditos «empíricos» muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios. Tem-se demasiada tendência para crer, em ciências sociais, que a importância social ou política do objecto é por si mesmo suficiente para dar fundamento à importância do discurso que lhe é consagrado — é isto sem dúvida que explica que os sociólogos mais inclinados a avaliar a sua importância pela importância dos objectos que estudam, como é o caso daqueles que, actualmente, se interessam pelo Estado ou pelo poder, se mostrem muitas vezes os menos atentos aos procedimentos metodológicos. O que conta, na realidade, é a construção do objecto, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objectos socialmente insignificantes em objectos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objectos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto — como eu procuro fazer, por exemplo, ao partir, para compreender um dos efeitos maiores do monopólio estatal da violência simbólica, de uma análise muito precisa do que é um certificado: de invalidez, de aptidão, de doença, etc. Neste sentido, o sociólogo encontra-se hoje numa situação perfeitamente semelhante — *mutatis mutandis* — à de Manet ou de Flaubert que, para exercerem em pleno o modo de construção da realidade que estavam a inventar, o aplicavam a projectos tradicionalmente excluídos da arte académica, exclusivamente consagrada às pessoas e às coisas socialmente designadas como importantes — o que levou a acusá-los de «realismo». O sociólogo poderia tornar sua a fórmula de Flaubert: «pintar bem o medíocre».

É preciso saber converter problemas muito abstractos em operações científicas inteiramente práticas — o que supõe, como se verá, uma relação muito especial com o que se chama geralmente «teoria» ou «prática». Neste processo, os preceitos abstractos, tais como aqueles que se encontram, por exemplo,

em *Le Métier de sociologue* — é preciso construir o objecto; é preciso pôr em causa os objectos pré-construídos — ainda que tenham a faculdade de despertar a atenção e de pôr de sobreaviso, não prestam grande ajuda. É assim, sem dúvida, porque não há outra maneira de adquirir os princípios fundamentais de uma prática — e a prática científica não é excepção — que não seja a de a praticar ao lado de uma espécie de guia ou de treinador, que protege e incute confiança, que dá o exemplo e que corrige ao enunciar, *em situação*, os preceitos directamente aplicados *ao caso particular*.

Evidentemente, há-de acontecer que, após terem assistido a duas horas de discussão sobre o ensino da música, sobre os desportos marciais, sobre o aparecimento de uma crítica de *jazz* ou sobre os teólogos franceses, perguntem a vocês mesmos se não perderam o vosso tempo e se aprenderam realmente alguma coisa. Não sairão daqui com belos discursos sobre a acção comunicacional, sobre a teoria dos sistemas ou mesmo sobre a noção de campo ou de *habitus*. Em vez de fazer, como fazia há vinte anos, uma bela exposição sobre a noção de estrutura na matemática e na física modernas e sobre as condições de aplicação em sociologia do modo de pensamento estrutural (era sem dúvida mais «impressionante»...), direi a mesma coisa mas de forma prática, quer dizer, por meio de observações perfeitamente triviais, perfeitamente banais, por meio de questões elementares — tão elementares que nos esquecemos muitas vezes de as pôr — e passando, em cada caso, ao pormenor do seu estudo particular. Só se pode realmente dirigir uma pesquisa — pois é disso que se trata — com a condição de a *fazer* verdadeiramente *com* aquele que tem a responsabilidade directa dela: o que implica que se trabalhe na preparação do questionário, na leitura dos quadros estatísticos ou na interpretação dos documentos, que se sugiram hipóteses quando for caso disso, etc. — é claro que não se pode, nestas condições, dirigir verdadeiramente senão um pequeno número de trabalhos, e aqueles que declaram «dirigir» um grande número deles não fazem verdadeiramente o que dizem.

Visto que o que se trata de ensinar é, essencialmente, um *modus operandi*, um modo de produção científico que supõe um